



Das categorias desviantes à significância social: subsídios para a elaboração de um quadro interpretativo sobre critérios de noticiabilidade no jornalismo¹

Marcos Paulo da SILVA²
Universidade Metodista de São Paulo

Resumo

O artigo pretende fornecer subsídios que colaborem na elaboração de um quadro teórico-conceitual sobre critérios de noticiabilidade no jornalismo. Propõe-se o aprofundamento de duas dimensões teóricas pertinentes: o “desvio” e a “significância social”. Como meio de ilustrar as reflexões, insere-se na discussão uma breve análise da cobertura jornalística sobre o terremoto que atingiu o Japão em março de 2011. Ao fim, como resultado das discussões, procura-se integrar ao debate elementos que corroborem com o pressuposto de fundo que orienta o estudo em questão: o de que jornalismo, a partir de seus processos de seleção noticiosa, transcodifica e ao mesmo passo dissemina os padrões culturais vigentes na sociedade.

Palavras-chave: Jornalismo; noticiabilidade; desvio; significância social.

Para situar o debate

O presente trabalho, fruto de um estudo mais amplo, pretende fornecer subsídios que colaborem na elaboração de um quadro teórico-conceitual sobre categorias de valores-notícias no jornalismo. Não se pretende esgotar o assunto a partir da apresentação de categorias fechadas de critérios de noticiabilidade, bem como não se localiza entre os objetivos da reflexão aqui proposta a tarefa de inventariar valores-notícia a partir de classificações já institucionalizadas no âmbito das ciências sociais e dos estudos do jornalismo³. O que se propõe, para efeitos de delimitação metodológica, é o aprofundamento de duas dimensões teóricas pertinentes ao debate acadêmico sobre a noticiabilidade: o “desvio” e a “significância social” (SHOEMAKER, 1996)⁴.

Entende-se que tais dimensões trazem à tona importantes elementos que podem servir de suporte tanto para novas especulações teóricas como para estudos futuros de caráter empírico. Como fio condutor, a discussão parte de duas formulações históricas que se tornaram clássicas no estudo de critérios de noticiabilidade: a tese pioneira do

¹ Trabalho apresentado na DT Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 12 a 14 de maio de 2011, em São Paulo (SP).

² Jornalista e mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus Bauru-SP. Doutorando em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: silva_mp@uol.com.br.

³ Sobre este aspecto, ver: SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia. Universidade Federal de Santa Catarina. vol. 2, n. 1, 2005.

⁴ Os estudos “Hardwired for news: Using biological and cultural evolution to explain the surveillance function” e “Readers as gatekeepers of online news: Brazil, China and the United States”, desenvolvidos por Pamela J. Shoemaker e sua equipe de pesquisa na Syracuse University, Estados Unidos, estão originalmente em Língua Inglesa. Para os objetivos deste trabalho, as citações e referências aos artigos foram traduzidas pelo autor.



alemão Tobias Peucer, elaborada no final do século XVII, e o quadro teórico de inspiração matemática dos dinamarqueses Galtung e Ruge, criado na década de 1960. A escolha dessas perspectivas não ocorre por acaso: tais elaborações conceituais, a despeito do hiato temporal entre elas, reforçam a característica do “desvio” como dimensão clássica de noticiabilidade ao mesmo passo que lançam luz sobre a provável instituição de “qualidades duradouras” na prática jornalística (STEPHENS, 1988). Por outro lado, como se pretende demonstrar no trabalho, entende-se que mesmo admissíveis de um ponto de vista técnico e operacional, as categorias localizadas nessas concepções clássicas ilustram apenas uma das facetas da problemática da noticiabilidade e, conseqüentemente, apresentam-se como redutoras da complexidade do fenômeno jornalístico.

Outras sistematizações de valores-notícia mais recentes e respaldadas pelos estudos acadêmicos do jornalismo – tais quais os quadros conceituais elaborados por Mauro Wolf (2003) e Nelson Traquina (2008) – auxiliam na tarefa de introduzir a “significância social” como dimensão teórica pertinente ao debate. Em busca de tal interface, recorre-se às elaborações conceituais da pesquisadora norte-americana Pamela J. Shoemaker (1996), segundo as quais o interesse humano por notícias decorre tanto de processos biopsicossociais quanto – e, sobretudo – de socializações culturais. Como meio de ilustrar as reflexões em pauta, insere-se na discussão uma breve análise de um caso concreto extraído da imprensa brasileira: o terremoto que atingiu o Japão em março de 2011. Ao fim, como resultado das reflexões, procura-se integrar ao debate elementos que corroborem com o pressuposto de fundo que orienta o estudo em questão: o de que jornalismo, a partir de seus processos de seleção noticiosa, transcodifica e ao mesmo passo dissemina – no mercado das trocas simbólicas – os padrões culturais vigentes na sociedade.

De Peucer a Galtung & Ruge: dois casos de sistematizações históricas

O século XVII chegava ao fim quando na Universidade de Leipzig, na Alemanha, o erudito Tobias Peucer apresentou sua tese “De Relationibus Novellis”⁵, considerado o primeiro estudo teórico a abordar aspectos da noticiabilidade no mundo

⁵ O estudo “De Relationibus Novellis”, de Tobias Peucer, foi traduzido para língua portuguesa por Paulo da Rocha Dias e publicado na Revista Comunicação e Sociedade, da Universidade Metodista de São Paulo. Ver: PEUCER (2000). O estudo também tem suas principais ideias traduzidas e sistematizadas no texto “Tobias Peucer: o progenitor da Teoria do Jornalismo”, de Jorge Pedro Sousa, publicado no Brasil pela Universidade Federal de Santa Catarina. Ver: SOUSA (2004).



ocidental. Datado de 1690, o estudo de Peucer delineia algumas categorias de valores-notícia consideradas ainda hoje nos estudos de jornalismo. Os veículos que serviram de inspiração para o estudo de Tobias Peucer eram essencialmente heterogêneos e remetiam ainda às tradições da Idade Média: embora inseridos em um ambiente de relativa efervescência, caracterizavam-se pela moral dicotômica cristã. No entanto, a importância histórica desses periódicos⁶, espécie de “compêndios noticiosos”, localiza-se no fato de antecederem – com características comuns – os jornais contemporâneos (SOUSA, 2004, p. 33).

Em sua tese (que em muito difere das dimensões e da complexidade do modelo de doutoramento atual), Peucer utiliza 29 capítulos de pequenas dimensões (três ou quatro parágrafos) para delinear questões ainda hoje centrais nos estudos do jornalismo – entre elas, os conceitos de notícia e de noticiabilidade. A concepção de notícia trabalhada pelo autor alemão é essencialmente descritiva, embora universal, e dilui-se em diferentes partes do trabalho (SOUSA, 2004, p. 36-37). Em resumo, segundo Tobias Peucer, as notícias constituem relatos expositivos e escritos; sobre singularidades; selecionados entre vários relatos possíveis segundo a sua importância; condicionados por fatores como o tempo; que se orientam para os acontecimentos; e que são novos, isto é, oferecem novidades, o que satisfaz a curiosidade humana (SOUSA, 2004, p. 37). Tais peculiaridades dialogam com questões contemporâneas relativas ao estudo do jornalismo, a exemplo dos constrangimentos sofridos no processo de seleção das notícias, da atividade de gatekeeping, do foco nos acontecimentos (em detrimento às problemáticas) e, sobretudo, da existência de critérios de noticiabilidade.

Como se faz imaginável devido às particularidades da época, Tobias Peucer não se refere de forma precisa à questão dos valores-notícia. Entretanto, conforme aponta Sousa (2004, p.41), o erudito alemão tece diferentes considerações sobre o processo de seleção noticiosa, apresentando – ainda além – o esboço de uma lista de categorias sobre as quais as notícias devem versar: coisas acontecidas recentemente; fatos históricos importantes; temas de interesse cívico; acontecimentos insólitos; catástrofes; e o que se passa com as pessoas ilustres.

A pertinência da tese clássica do erudito alemão reveste-se de validade especialmente quando levada em consideração a confluência entre suas sistematizações

⁶ Entende-se as publicações existentes na parte final século XVI e não os antecedentes remotos de tais publicações, como, por exemplo, as Efemérides gregas, as Actas Diurnas romanas ou ainda as crônicas e folhas volantes medievais (SOUSA, 2004).



e posteriores estudos sobre valores-notícia (desenvolvidos principalmente a partir da década de 1960). Um desses estudos, também de status referencial para as pesquisas sobre jornalismo, é a sistematização pioneira elaborada pelos dinamarqueses Johan Galtung e Mari Holmboe Ruge⁷. Ao desenvolverem um estudo sobre a cobertura de três crises internacionais – Congo, Cuba e Chipre – em jornais estrangeiros, Galtung e Ruge (1999) colocam-se entre os primeiros teóricos a reconhecer a existência de critérios de noticiabilidade como critérios suscetíveis de permitir a atribuição de valor noticioso a fatos e acontecimentos de forma a se sobrepor à subjetividade jornalística.

Os dinamarqueses partem do entendimento de que a comunicação noticiosa estrutura-se como uma cadeia, sendo esta iniciada a partir dos acontecimentos caóticos do mundo e encerrada na imagem pessoal produzida pelo receptor. Os pesquisadores focam-se na etapa inicial do processo: a percepção, a seleção e a construção de uma imagem dos acontecimentos pelos meios de comunicação. O estudo permite a elaboração de uma lista de doze critérios de noticiabilidade (quatro deles com subdivisões). Assim, para Galtung e Ruge (1999), os acontecimentos transformam-se em notícia conforme satisfazem as condições de:

F1: Frequência; **F2:** Amplitude; **F2.1:** Intensidade absoluta; **F2.2:** Aumento de intensidade; **F3:** Inequivocidade; **F4:** Significância; **F4.1:** Proximidade cultural; **F4.2:** Relevância; **F5:** Consonância; **F5.1:** Predicabilidade; **F5.2:** Exigência; **F6:** Imprevisibilidade; **F6.1:** Impredicabilidade; **F6.2:** Escassez; **F7:** Continuidade; **F8:** Composição; **F9:** Referência a nações de elite; **F10:** Referência a pessoas de elite; **F11:** Referência a pessoas; **F12:** Referência a algo negativo. (GALTUNG & RUGE, 1999, p. 71).

Tais fatores – destacam os autores dinamarqueses – não devem ser entendidos como independentes uns dos outros, mas a partir de inter-relações que podem ser compreendidas segundo uma combinação de funções matemáticas⁸. Clássico por seu pioneirismo, o estudo de Galtung e Ruge é citado sempre quando em questão o debate em torno de uma tipologia para os valores-notícia no jornalismo. Contudo, o modo como os autores apresentam sua perspectiva, amparados em hipóteses que seguem

⁷ O estudo original data de 1965: GALTUNG, J. e RUGE, M. The structure of foreign news. *Journal of International Peace Research*, n.1, 1965. A versão utilizada neste trabalho foi traduzida e publicada em língua portuguesa com o título “A estrutura do noticiário estrangeiro – A apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em jornais estrangeiros” como capítulo do livro organizado por Nelson Traquina. Ver: TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. 2.ed. Lisboa: Veja, 1999.

⁸ A obra de Johan Galtung – pesquisador com teses doutorais em Matemática e Sociologia – sobre valores-notícia deixa transparecer as influências do autor pelo estudo das ciências exatas. Apesar do pioneirismo de seu estudo sobre noticiabilidade ter garantido sua referência nos estudos do jornalismo, Galtung curiosamente ganhou destaque em sua carreira também na área de relações internacionais, atuando na mediação de conflitos entre países.



relações matemáticas (o que revela uma ancoragem nos modelos positivista e funcionalista da ciência), enrijece as categorias de valores-notícia e coloca o estudo em uma posição passível de revisões críticas a partir de abordagens guiadas por perspectivas de ordem culturalista⁹.

Entre a seleção e a construção: novas diferenciações

Valorizada por seu pioneirismo, a categorização de critérios de noticiabilidade de Galtung e Ruge (1999) serve de base para inúmeras outras formulações teóricas posteriores, tornando possível a adição de novos elementos ao debate. Dentre tais formulações, destacam-se as perspectivas do português Nelson Traquina (2008) e do italiano Mauro Wolf (2003)¹⁰ – este último, considerado um dos pioneiros em destacar que os valores-notícia (mesmo aqueles já apresentados pelos pesquisadores dinamarqueses) estão presentes ao longo de toda a problemática da produção jornalística: do processo de seleção dos acontecimentos ao processo de elaboração da notícia.

A partir da problematização de Mauro Wolf (2003), um novo modelo de classificação passa a desempenhar papel essencial: a distinção entre os chamados valores-notícia de seleção e os valores-notícia de construção¹¹ – diferenciação não levada em conta por Galtung e Ruge na década de 1960. Segundo Wolf (2003), os valores-notícia de seleção dizem respeito aos critérios que os jornalistas utilizam para selecionar no complexo rol de acontecimentos cotidianos aqueles que merecem ser transformados em conteúdo jornalístico. Os valores-notícia de seleção subdividem-se em outros dois subgrupos: os critérios substantivos, que tratam da avaliação direta do acontecimento em termos de sua importância ou interesse como notícia; e os critérios contextuais, que se referem ao contexto de produção noticiosa (TRAQUINA, 2008, p.78). Por sua vez, os valores-notícia de construção envolvem as qualidades da estrutura da notícia e funcionam como “linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o

⁹ Sobre tal discussão, ver: SILVA, Marcos Paulo da. De Tobias Peucer a Galtung & Ruge: um olhar para as sistematizações históricas do conceito de valor-notícia. In: Anais do I Congresso de História da Mídia da Região Sudeste (CD-ROM). São Paulo (SP): ALCAR, 2010.

¹⁰ O texto original “Teorias da comunicação”, de Mauro Wolf, data de 1987. Utiliza-se neste trabalho a edição em língua portuguesa de 2003. Ver: WOLF (2003)

¹¹ Para as finalidades desta pesquisa, a classificação de Mauro Wolf é interpretada como representativa de um modo de visualização da prática jornalística que encontra similaridades em uma série de outros autores, entre eles: Stieler, Lippman, Bond, Golding-Elliot, Gans, Warren, Hetherington e Erbolato. Tais sistematizações de valores-notícia são abordadas por Gislene Silva no artigo “Para pensar critérios de noticiabilidade”. Ver: SILVA (2005).



que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia” (TRAQUINA, 2008, p. 78).

São nove os valores-notícia de seleção em termos de critérios substantivos elencados por Traquina (2008, p. 79-88) a partir da distinção inicial de Mauro Wolf (2003): a “morte”, a “notoriedade”, a “proximidade”, a “relevância”, a “novidade”, o “tempo” (atualidade), a “notabilidade”, o “inesperado”, o “conflito” (ou controvérsia), a “infração” e o “escândalo”. Já os critérios contextuais dos valores-notícia de seleção somam cinco: a “disponibilidade”, o “equilíbrio”, a “visualidade”, a “concorrência” e o “dia noticioso”. Por fim, os chamados valores-notícia de construção – conceitualmente, aqueles que tratam dos “critérios de seleção dos elementos dentro do acontecimento dignos de serem incluídos na elaboração da notícia” (TRAQUINA, 2008, p. 91) – somam seis: a “simplificação”; a “amplificação”; a “relevância”; a “personalização”; a “dramatização”; e a “consonância”. Assim, considerado o conjunto de valores-notícia elaborado por Nelson Traquina (2008) a partir da proposta interpretativa de Mauro Wolf (2003), possibilita-se a elaboração do seguinte quadro sistemático:

Quadro 2 – Sistematização dos valores-notícia encontrados no jornalismo segundo a perspectiva de Nelson Traquina (2008)

Valores-notícia de seleção: critérios substantivos	Valores-notícia de seleção: critérios contextuais	Valores-notícia de construção
Notoriedade Morte Proximidade Relevância Novidade Tempo Notabilidade Inesperado Conflito (ou controvérsia) Infração Escândalo	Disponibilidade Equilíbrio Visualidade Concorrência Dia noticioso	Simplificação Amplificação Relevância Personalização Dramatização Consonância

Fonte: Quadro elaborado livremente para finalidade deste trabalho a partir de TRAQUINA (2008).

Permite-se, neste ponto, a inserção de um novo elemento ao debate: embora sejam classificáveis em categorias como as mencionadas anteriormente, os valores-notícia não deixam de constituir, segundo a pesquisadora Pamela J. Shoemaker (1996,



p.36), uma concepção “escorregadia” aos estudos teóricos do jornalismo¹². Visando, então, a organização de um novo quadro interpretativo para o assunto, a própria autora propõe a divisão dos valores-notícia em duas novas dimensões conceituais: o “desvio” e a “significância social”. Nesta perspectiva, uma gama de critérios de noticiabilidade tidos como “substantivos” nas classificações de Mauro Wolf (2003) e Nelson Traquina (2008) passa a ser genericamente encarada por Shoemaker (1996) como dimensões “desviantes” da notícia. De outro lado, ao ressaltar características de ordem contextual, emergem concomitantemente as dimensões ligadas à noção de “significância social”.

O “desvio” como padrão clássico da noticiabilidade

Uma série de critérios de noticiabilidade que, conforme dito, seriam elencados por Wolf (2003) e Traquina (2008) como valores-notícia substantivos – tais quais a “proximidade”, a “oportunidade”, a “importância”, o “impacto” ou “conseqüência”, o “interesse”, o “conflito” ou “controvérsia”, a “proeminência”, a “novidade” e a “excentricidade” ou “insólito” – são redimensionados por Pamela J. Shoemaker (1996, p.36) em novas categorias teóricas com ênfase no aspecto “desviante”. De acordo com a perspectiva da pesquisadora norte-americana, que se vale de uma proposta de compreensão a partir de processos biopsicossociais, o ser humano possui a característica inata de voltar sua atenção – instintivamente – a eventos insólitos que, em geral, podem ameaçar seu meio de vida (SHOEMAKER, 1996; SHOEMAKER, JOHNSON, SEO, WANG, 2010).

Por este ângulo teórico, a constante vigilância do homem ao ambiente que o envolve configura-se um aspecto fundamental no processo de evolução adaptativa. Similarmente, o interesse humano por eventos noticiosos caracterizados pelo “desvio” passa a fundamentar-se em idêntica premissa. Tal aspecto desviante, por sua vez, na contramão do que poderia se imaginar no senso comum, não é decalcado no jornalismo apenas por meio de notícias de cunho negativo – traduzidas em eventos alarmantes, como tragédias, desastres e escândalos –, mas semelhantemente em eventos de aspectos positivos, tais quais “avanços na medicina, boa comida e entretenimentos que podem contribuir para a qualidade de vida” (SHOEMAKER, JOHNSON, SEO, WANG, 2010,

¹² A perspectiva de Shoemaker é, em partes, compartilhada por Nelson Traquina, segundo o qual “diversos estudos sobre o jornalismo demonstram que os jornalistas têm uma enorme dificuldade em explicar o que é notícia, de explicitar quais são seus critérios de noticiabilidade, para além de respostas vagas do tipo ‘o que é importante’ e/ou ‘o que interessa ao público’” (TRAQUINA, 2008, p.62).



p.59). O “desvio”, neste contexto, pode ser subdivido em pelo menos outras três instâncias teóricas mais específicas:

- O *desvio estatístico*; que se refere a eventos que são excêntricos ou não-usuais, ou ainda que chamem atenção por configurarem realizações ou desastres acima ou abaixo da média usual;
- O *desvio normativo*; relativo à criação e à violação de leis e regras (manifestas ou latentes), mas que também inclui a estrutura dos sistemas políticos em que o conflito e a controvérsia podem tornar-se usuais.
- E o *desvio de mudança social*; que inclui os possíveis elementos “ameaçadores” do sistema social, embora diga respeito a aspectos que vão dos contextos “micros” (vizinhança, por exemplo) aos macros (nações e outras instâncias internacionais). (SHOEMAKER, 1996, p.36; SHOEMAKER, JOHNSON, SEO, WANG, 2010, p.59).

Ao ser observado como constructo teórico, o “desvio” torna-se passível de inserção no foco de diferentes abordagens acadêmicas, a exemplo da Antropologia, da Sociologia e da Psicologia. Em meio a tais possibilidades, mas ao adotar uma posição que valoriza as características biopsicossociais do homem, Shoemaker (1996) reconhece a improbabilidade de o comportamento social – por ser inscrito numa base complexa – estar vinculado a cargas de natureza genética (lê-se: a genética não é passível de determinar o conteúdo das construções socioculturais). Entretanto, a pesquisadora assume que a característica específica de vigilância ao ambiente (aspecto que teria influências na disseminação e no interesse dos homens por notícias “desviantes”) consiste em um provável traço adaptativo do humano primitivo. Entende-se, nesta perspectiva, que os seres humanos – ao conviverem com instintos desviantes – estariam hipoteticamente mais adaptados a neutralizar ou diminuir possíveis ameaças ao *status quo* (SHOEMAKER, 1996, p.38). Tal traço adaptativo, sublinha a autora norte-americana, pode ainda ser considerado uma espécie de “aspecto cultural universal” do homem, figurando ao lado de emoções inatas como o medo, o ódio e a satisfação (SHOEMAKER, 1996, p. 39).

Neste contexto, ao identificar nas notícias elementos que “transcendem credos e aspectos étnicos ou ideológicos”, Shoemaker (1996, p.41) também não descarta a possibilidade de existência de um traço mítico na atividade jornalística – posição que



encontra respaldo nas reflexões de diferentes autores. Um dos pensadores citados pela pesquisadora norte-americana é seu conterrâneo Tom Koch, autor do estudo *The news as myth*¹³, segundo o qual a narrativa jornalística – em linhas gerais – é constituída de elementos simbólicos que remetem a um contexto cultural (KOCH, 1990 *apud* SHOEMAKER, 1996, p.41).

No Brasil, tal ponto de vista teórico pode ser visto em consonância com as reflexões de Luiz Gonzaga Motta (2002). Em artigo no qual propõe uma interpretação antropológica para a prática noticiosa, Motta argumenta que por traz de toda objetividade e racionalidade perseguidas com ortodoxia nas redações, o jornalismo não escapa de uma gama de elementos míticos presentes no imaginário social. Esta contradição ocorre, na perspectiva do autor, pois as notícias são narrativas que recuperam a natureza logo-mítica da experiência humana, ou seja, sustentam-se tanto em relações de racionalidade e verossimilhança (*Logos*) quanto em subjetividades e matrizes míticas (*Mythos*). Tal concepção, entre outros aspectos, ajuda a explicar a repetição histórica de categorias clássicas de critérios de noticiabilidade.

Não se configura coincidência, portanto, o fato de as categorias “desviantes” apresentadas por Shoemaker – dimensão teórica privilegiada na concepção de noticiabilidade – encontrarem diversas similitudes nas categorias clássicas de valores-notícia esboçadas desde o século XVII por Tobias Peucer. Tais categorias podem ser interpretadas como concepções que endereçam ao processo denominado por Mitchell Stephens (1993) de “qualidades duradouras do jornalismo”, fenômeno que permite à atividade noticiosa transpassar as possíveis peculiaridades de um determinado período histórico.

Entretanto, quando observadas por uma perspectiva teórica de cunho culturalista (ou seja, a partir do entendimento do jornalismo como uma prática cultural), as categorias clássicas de noticiabilidade (aquelas projetadas nos diferentes aspectos de “desvios”) são tomadas como excessivamente redutoras da prática social da atividade noticiosa. Por meio de uma abordagem teórico-metodológica de natureza culturalista, o jornalismo e a questão da noticiabilidade inserem-se necessariamente em um quadro teórico mais complexo e devem ser compreendidos como produtos de influência de variáveis de diferentes naturezas: econômicas, políticas e, sobretudo, socioculturais.

¹³ Citado pela autora: KOCH, Tom. *The news as myth: fact and context in journalism*. New York: Greenwood Press, 1990.



Para além do “desvio”: a dimensão teórica da “significância social”

Reconhece-se, portanto, segundo foi demonstrado, que as categorias desviantes constituem apenas uma parte da problemática da noticiabilidade. Há outra relevante faceta, projetada aqui na concepção de “significância social” (SHOEMAKER, 1996), que não pode ser desconsiderada pelos estudos acadêmicos sobre valores-notícias. Assume-se, então, conforme exposto por Shoemaker *et al.* (2010, p.59), que “a noticiabilidade de um evento recebe também influências de outras características, tais quais as peculiaridades que as pessoas precisam conhecer a fim de entenderem-se efetivamente como atores em seus sistemas sociais”. Assim, ao passo que a vigilância aos aspectos desviantes dos eventos é encarada como um traço evolutivo dos homens, a “significância social” nasce vinculada a uma concepção de “evolução cultural” – entendida, em outros termos, como um longo processo de socialização cultural (SHOEMAKER, 1996, p.39-44; SHOEMAKER, JOHNSON, SEO, WANG, 2010, p.59-60).

De modo mais específico, compreende-se a concepção de “significância social” a partir de outras quatro dimensões:

- *A significância política*; que inclui questões referentes aos poderes formais (executivo, legislativo e judiciário), além das relações diplomáticas entre os diferentes países;
- *A significância econômica*; que remete aos aspectos dos sistemas monetários (sejam os sistemas internos de um país ou aqueles estabelecidos no âmbito internacional), incluindo questões de balança comercial (importação e exportação), valorização cambial, tributação, além da própria noção de “saúde” do sistema financeiro;
- *A significância cultural*; que inclui valores culturais em geral, elementos religiosos, morais, além das concepções de arte e regras sociais;
- E a *significância “de bem-estar social”*; relativa às questões genéricas de saúde, segurança e qualidade de vida. (SHOEMAKER, 1996, p.36-37; SHOEMAKER, JOHNSON, SEO, WANG, 2010, p.59-60).

Descritas as particularidades dos conceitos, admite-se, enfim, conforme a hipótese teórica apresentada por Pamela J. Shoemaker (1996), que a disseminação



social de notícias pode vincular-se à pertinência dos dois modelos interpretativos abordados. Ou seja: mesmo se considerada a característica inata dos seres humanos no interesse por eventos desviantes (o que seria, na concepção da autora, fruto de um processo de evolução adaptativa), por outro lado, a disseminação social de tais eventos somente encontra respaldo quando sustentada em processos de “significância social”, sejam eles voltados à cultura particular ou ao sistema social em geral (SHOEMAKER, 1996, p.44). Entende-se, portanto, que toda prática noticiosa liga-se, necessariamente, a aspectos oriundos de processos de socialização cultural.

Deste modo, compreendida como um fenômeno social complexo, fruto da influência de variáveis de diferentes naturezas, os processos de seleção noticiosa podem ser observados como jogadas numa constante partida de xadrez jornalístico – para utilizar-se da metáfora de Nelson Traquina (2008, p. 91). Seguindo a analogia, ao passo que no jogo de tabuleiro existem regras pré-estabelecidas que garantem a jogabilidade e a preservação do esporte ao longo do tempo, por outro lado estabelecem-se táticas individualizadas e propostas de jogo variáveis que resultam em uma dinâmica complexa. Assim, uma única mudança de peça pode acarretar em alterações em todo cenário da partida, promovendo modificações de planos e estratégias. Tais peculiaridades fazem do xadrez um jogo que não se permite ser encarado em uma perspectiva mecanicista. O mesmo raciocínio pode ser projetado para o jornalismo (e para os critérios de noticiabilidade). Nesta perspectiva: ao passo que podem existir “qualidades duradouras”, como as propostas por Mitchell Stephens (1993), que caracterizam historicamente o fazer jornalístico (numa perspectiva horizontalizada), encontra-se, por outro lado, um conjunto complexo de variáveis econômicas, políticas e, sobretudo, socioculturais que são decalcadas (numa perspectiva verticalizada) nos processos de seleção dos acontecimentos e construção das notícias.

Um breve olhar empírico: a tragédia de março de 2011 no Japão

Com propósitos ilustrativos, um breve olhar para a cobertura da grande imprensa sobre o terremoto (seguido de tsunami e risco de acidentes em usinas nucleares) ocorrido no Japão em março de 2011 ajuda a compreender a perspectiva teórica exposta até aqui. Toma-se, para as finalidades propostas, a cobertura realizada pelo veículo *O Estado de São Paulo*. Como recorte empírico, foram analisadas as oito edições diárias subsequentes ao terremoto ocorrido no dia 11 de março, uma sexta-feira. Das edições



observadas, o assunto foi manchete em seis ocasiões e resultou na publicação de cadernos especiais em outras duas datas.

Sob a manchete “Tremor e tsunami castigam Japão e geram alerta nuclear”, o jornal inaugura no dia 12 de março (sábado) sua cobertura com destaque para as questões mais “desviantes” do evento. Um caderno especial intitulado “Natureza em fúria” apresenta chamadas como: “Terremoto e tsunami arrasam nordeste do Japão”, “Japão declara ‘estado de emergência nuclear’ e admite risco de vazamento” e “Sismo deslocou eixo da terra em cerca de 10 centímetros”. A edição dominical de 13 de março, que também apresenta caderno especial sobre o assunto, segue a tendência e sublinha uma série de aspectos insólitos, sobretudo do ponto de vista estatístico. Neste sentido, nos dois primeiros dias posteriores à tragédia, o jornal procura inserir o terremoto entre os de “maior magnitude” (tomando como base a Escala Richter), os “mais caros” (a partir dos prejuízos de ordem econômica) e os “mais trágicos da história” (a partir do número de mortes). Do mesmo modo, são ressaltadas as dimensões mais insólitas do tsunami (“Maior terremoto do país provoca ondas de até dez metros”), bem como do potencial risco nuclear (“Conheça os piores acidentes nucleares da história”), da crise gerada no país (“Crise é a mais grave desde a Segunda Guerra”) e do tremor em si (“Sismo equivale a 27 mil bombas atômicas”). Ligadas às questões insólitas, localiza-se ainda uma série de outras histórias que ganham projeção no jornal especificamente pela excentricidade dos eventos. São exemplos: “Telhado salva idoso em alto-mar” (14 de março), “Bebê de três meses é resgatado” (15 de março) e “Idosa é resgatada após 90 horas” (16 de março), entre outros.

Contudo, para além das questões caracterizadas como “desvios” (sejam os desvios de ordem estatística, normativa ou social), outras tendências também são encontradas na cobertura desde a edição subsequente ao terremoto. Tais tendências, que se adensam nos dias posteriores ao evento, vinculam-se a questões de natureza econômica, política e sociocultural, somando-se aos demais aspectos da cobertura.

Uma das principais tendências observadas no transcorrer da semana é a interpretação econômica dos acontecimentos. Seja nas seções destinadas às questões internacionais ou especificamente no caderno de economia, tais pautas partem do temor gerado nos mercados internacionais pelo terremoto (a partir do movimento nas bolsas, cotações, exportações, entre outras peculiaridades). São exemplos: “Terremoto no Japão derruba bolsas ao redor do mundo” (12 de março), “Tragédia no Japão afeta commodities” (12 de março) e “Tragédia deve atrasar em seis meses recuperação



econômica” (15 de março). Com o passar dos dias, porém, uma série de aspectos atenuadores para tais riscos passam a ser incorporados à pauta, conforme ilustram as chamadas a seguir: “Crescimento global será afetado apenas temporariamente” (15 de março), “Crise nuclear no Japão leva pânico às bolsas, mas ação do FED limita perdas” (16 de março), “Preços retomam alta com alívio nuclear” (18 de março) e “Países do G7 intervêm para conter alta do Iene” (19 de março). Ainda considerando o cenário econômico, emerge uma tendência paralela com foco específico no mercado brasileiro. Esta tendência, embora siga o quadro internacional mais amplo, apresenta características próprias voltadas ao aspecto alarmante gerado na economia nacional. São exemplos de chamadas: “Brasil será afetado na venda de minério” (15 de março), “Real é moeda mais vulnerável a repatriações por japoneses, diz HSBC” (17 de março) e “Bovespa sobe 0,32% com redução de temor sobre crise nuclear” (18 de março).

A angulação a partir dos reflexos no Brasil, no entanto, é mais ampla e caracteriza-se por outras particularidades que vão além dos aspectos econômicos. Neste contexto, desde o dia subsequente ao terremoto, diversas matérias reforçam um possível traço identitário ancorado na repercussão da tragédia. Mas, de modo semelhante às matérias de cunho econômico, novamente o temor recebe um sentido atenuador no decorrer da cobertura, conforme ilustra a evolução das seguintes chamadas: “No Brasil, a busca por informações sobre parentes” (12 de março), “Bairro da Liberdade apreensivo e solidário” (12 março), “Não há brasileiros entre os mortos, diz Itamaraty” (12 de março); “Doação de empresário ajudará tirar brasileiros de Fukushima” (16 de março) e “Estudantes voltam para São Paulo” (16 de março).

Todavia, aos poucos, as matérias que traduzem eventos singulares ligados ao terremoto (como o número de mortes e de pessoas desaparecidas e desalojadas) deixam de dar sustentação à pauta e são substituídas pela ênfase na ameaça de uma catástrofe nuclear. A própria evolução das manchetes a partir do segundo dia da cobertura evidencia tal tendência: “Vazamento nuclear desafia Japão” (13 de março), “Com três usinas em alerta, crise nuclear se agrava no Japão” (14 de março), “Japão pede socorro aos EUA para enfrentarem risco nuclear” (15 de março), “Radiação nuclear e desabastecimento levam pânico ao Japão” (16 de março) e “Radiação no Japão atinge nível extremo, alertam EUA” (17 de março). Embora apresente um forte aspecto de desvio normativo, tal face da cobertura deixa transparecer importantes elementos de significância política. Chamadas como “UE volta a debater projetos atômicos” (15 de março), “Europa vai fazer testes em suas usinas” (16 de março) e “Obama ordena

revisão nuclear nos EUA” (18 de março) mostram a relevância do debate no âmbito internacional.

No cenário brasileiro, questões políticas semelhantes orientam a discussão: “Brasil teme abalo em programa nuclear” (15 de março), “Em Angra, maior perigo são as encostas íngremes” (17 de março) e “Usinas brasileiras passarão por testes de segurança” (18 de março) ilustram a tendência. Outros pontos da cobertura ainda revelam movimentos significativos no xadrez diplomático e trazem à tona questões pertinentes à agenda internacional. As chamadas “EUA e UE oferecem ajuda aos japoneses” (12 de março), “Ministros do G7 preparam ajuda ao país” (17 de março) e “China cobra transparência do Japão” (18 de março) são exemplos deste aspecto.

Neste sentido, com base no cenário exposto, as variáveis envolvidas na seleção noticiosa oferecida pelo jornal *O Estado de S. Paulo* na cobertura do terremoto podem ser resumidas e observadas no interior de um quadro interpretativo próprio das ciências humanas e sociais, ou seja, para além de categorias estanques, compõe-se uma grade complexa de influências, conforme o modelo gráfico seguinte:

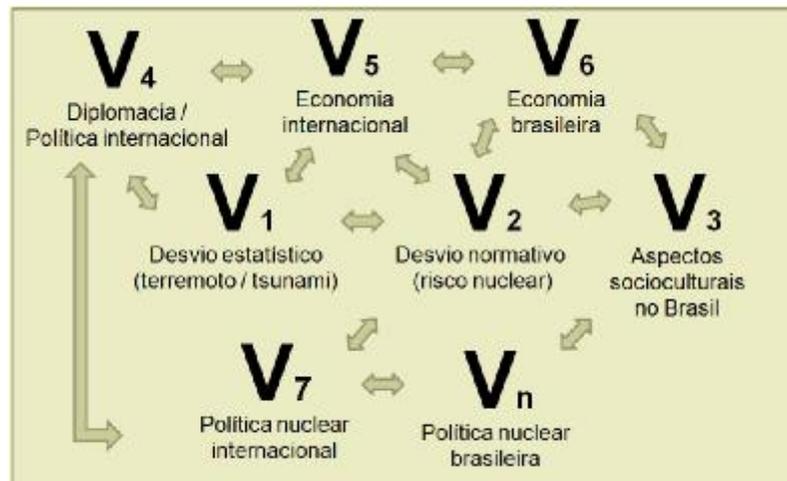


Figura 1 – Modelo gráfico das variáveis envolvidas na cobertura pelo *O Estado de S. Paulo* do terremoto de março de 2011 ocorrido no Japão

Fonte: Diagrama elaborado livremente para finalidade deste trabalho.

Nota-se no diagrama a presença de setas de duplo sentido introduzidas para ilustrar as inter-relações envolvidas no processo. Por se tratar de um fenômeno social no campo da produção de sentido, tantas outras variáveis de ordem econômica, política ou sociocultural são passíveis de incorporação à grade interpretativa. As setas mostram graficamente que não é possível pensar as diferentes variáveis ($V_1, V_2, V_3, \dots, V_n$) de



maneira isolada. Desta maneira, as categorias marcadas por aspectos desviantes (desvio estatístico ou normativo, no caso em questão) não podem ser interpretadas sem o papel fundamental das demais categorias que ilustram a “significância social” do evento.

Considerações finais: contribuições para a elaboração de um quadro interpretativo

Este trabalho, enraizado em uma pesquisa acadêmica mais ampla, apresenta como pano de fundo teórico um pressuposto bastante claro: o de que a prática de seleção noticiosa transcodifica e, ao mesmo passo, dissemina os padrões culturais vigentes na sociedade. As dimensões teóricas aqui trabalhadas, portanto, não devem ser compreendidas isoladamente, mas como possíveis chaves-explicativas de um processo científico em curso. Sublinha-se, neste contexto, a pertinência das dimensões teóricas vinculadas à noção de “significância social” cunhadas por Pamela J. Shoemaker (1996). Propõe-se, entretanto, ainda adiante, uma leitura a partir do alargamento de tais dimensões teórico-conceituais que siga além dos processos técnico-operacionais da noticiabilidade. Visa-se, portanto, a valorização de uma problemática mais ampla, de ordem sociocultural, que possa vincular-se ao entendimento do jornalismo como uma peça-chave nos processos de construção simbólica do cotidiano.

Nesta perspectiva, a presença nas notícias de aspectos que remetem a determinadas categorias de “significância social” passa também a ser entendida, ainda além, como reiteração de padrões culturais (mais amplos) vigentes na sociedade (estes, muitas vezes não claramente identificáveis em categorias delimitáveis). Reconhece-se a existência uma grade complexa de diferentes variáveis econômicas, políticas e socioculturais que resulta na elaboração simbólica de uma concepção de vida cotidiana – esta, por sua vez, orientadora dos diferentes padrões noticiosos socialmente estabelecidos. Em outros termos, trata-se do reconhecimento de um jogo dialético de construção social da realidade, ou seja, da compreensão do jornalismo como uma atividade que somente encontra legitimidade e respaldo ao transcodificar e disseminar valores culturais vigentes no mundo social. Entende-se, assim, que para além das categorias insólitas dos eventos, diferentes padrões culturais – tais quais padrões de temporalidade e racionalidade – não podem ser desconsiderados quando em questão a problemática da seleção noticiosa.

Tome-se como exemplo o caso empírico apresentado neste trabalho. Adiante das tendências de noticiabilidade que caracterizaram a cobertura (sejam essas traduzidas em aspectos singulares do “desvio” ou em categorias de “significância social”), localiza-se



um traço mais amplo, de natureza simbólica, que repercute, ao menos, um padrão sociocultural moderno de racionalidade e regularidade cotidiana. Trata-se de uma tendência de racionalização do caos instituído (no caso, o terremoto) como forma de explicitá-lo (e talvez dominá-lo). A natureza caótica dos eventos (terremoto, tsunami, risco nuclear) é, assim, racionalizada e dissolvida, sendo os sentidos mais paradoxais do fenômeno atenuados no transcorrer dos eventos.

Neste sentido, a cobertura do *O Estado de S. Paulo* que se inicia amparada por questões insólitas e caóticas, passa aos poucos a receber um padrão atenuador (seja em *boxes* e infográficos explicativos ou na própria evolução das matérias). Chamadas como “Técnicos rejeitam repetição de Chernobyl” (13 de março), “Cientistas tentam calcular rota de nuvem radioativa” (18 de março) e “Japão avança no resfriamento de reator” (19 de março) ilustram este padrão. Tal traço se faz ainda mais presente no plano econômico, âmbito no qual a cultura da racionalidade e da regularidade mostra-se mais decalcada, conforme exemplificam os seguintes destaques: “Preços retomam alta com alívio nuclear”, “Bovespa sobe 0,32% com redução de temor sobre crise nuclear” (18 de março) e “Intervenção no iene faz dólar cair após três altas seguidas (19 de março). Portanto, após figurar em cenário de destaque nas páginas de *O Estado de S. Paulo* por sucessivos dias, a cobertura do terremoto diminui seu espaço e gradativamente deixa a cena principal (leia-se: manchetes e cadernos especiais) para ser substituída por outros eventos de natureza mais paradoxal (tal qual o próprio terremoto no início da cobertura).

Reconhece-se, finalmente, com base nas reflexões aqui desenvolvidas, que as dimensões teóricas da “significância social”, entendidas numa perspectiva ampliada (ou seja, que transpassam categorias estanques), realçam-se de pertinência, sobretudo quando comparada às categorias clássicas vinculadas à noção de desvio (estatístico, normativo ou social). Assim, também no jornalismo, a sedimentada premissa básica segundo a qual “uma história somente merece ser contada se uma norma for violada” (MORETTI, 2003, p.9-11)¹⁴ deixa o protagonismo de lado e vai ao segundo plano para dar lugar à significação social dos padrões culturais presentes na vida cotidiana.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 12.ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2009.

¹⁴ Sobre este aspecto, ver a análise de Franco Moretti sobre o campo literário: MORETTI (2003)



GALTUNG, Johan, RUGE, Mari Holmboe. A estrutura do noticiário estrangeiro: A apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. 2.ed. Lisboa: Veja, 1999.

MORETTI, Franco. **O Século sério**. Revista Novos Estudos, n. 65. CBAP, 2003.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Para uma antropologia da notícia**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. Intercom, volume XXV, no. 2, 2002.

PEUCER, Tobias. **Os relatos jornalísticos**. Tradução de Paulo da Rocha Dias. Revista Comunicação & Sociedade. Universidade Metodista de São Paulo. n. 33, 2000.

SHOEMAKER, Pamela. J. **Hardwired for news: Using biological and cultural evolution to explain the surveillance function**. Journal of Communication, 46, 32–47, 1996.

SHOEMAKER, Pamela J., JOHNSON, Philip R., SEO, Hyunjin, WANG, Xiuli. **Readers as gatekeepers of online news: Brazil, China and the United States**. Brazilian Journalism Research. Vol.6. N.1, 2010.

SILVA, Gislena. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia. Universidade Federal de Santa Catarina. vol. 2, n. 1, 2005.

SILVA, Marcos Paulo da. **De Tobias Peucer a Galtung & Ruge: um olhar para as sistematizações históricas do conceito de valor-notícia**. In: Anais do I Congresso de História da Mídia da Região Sudeste (CD-ROM). São Paulo (SP): ALCAR, 2010.

SOUSA, Jorge Pedro. **Tobias Peucer: Progenitor da Teoria do Jornalismo**. In: Revista Estudos em Jornalismo e Mídia. UFSC, v.1, n.2, 2004.

STEPHENS, Mitchell. **Uma história das comunicações: dos tantãs aos satélites**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística / uma comunidade interpretativa internacional**. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2008.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 8.ed. Lisboa: Editorial Presença, 2003.